



GT 036. Etnografias da deficiência

Olivia von der Weid (UERJ) - Coordenador/a,
 Fagner Carniel (UEM) - Coordenador/a, Adriana
 Abreu Magalhães Dias (UNICAMP) - Debatedor/a,
 Nadia Elisa Meinerz (Universidade Federal de
 Alagoas) - Debatedor/a

Deficiência ? uma categoria em disputa, em constante reconstrução, que apresenta amplo potencial analítico, político e metodológico para a antropologia. Este grupo de trabalho visa dar continuidade às atividades desenvolvidas desde a 29ª RBA, reunindo estudos etnográficos que abordem perspectivas diversas sobre os corpos, os direitos, os fazeres, os lugares, os medicamentos, as políticas, os desejos, os prazeres, as tecnologias e as experiências de pessoas com deficiência e com doenças raras. Serão privilegiadas propostas que considerem: a) o papel dos movimentos sociais e das políticas públicas para pessoas com deficiência na construção das condições e parâmetros relativos aos direitos e cidadania, tais como cuidado, acessibilidade, inclusão escolar, vida autônoma, etc; b) narrativas e práticas de pessoas com deficiência que organizam a inserção de sujeitos concretos em diferentes coletividades; c) ensaios teóricos, realizados a partir do amadurecimento etnográfico, que problematizem a categoria deficiência pelo referencial antropológico, seja a partir dos debates contemporâneos da disciplina, seja pela articulação com categorias analíticas no diálogo com outros campos como saúde, direito, linguística, etnologia, gênero e sexualidades, raça, etnia e racismo, ciência e tecnologia, dentre outros; d) por fim, são bem vindas as reflexões sobre os desafios e adequações do/no método etnográfico, produzidas a partir das tensões encontradas no campo de pesquisa sobre a deficiência.

Corpos e dissidências: figurando invisibilidades

Autoria: Sarah Victória Almeida Rodrigues

Dorothy Shoes é uma artista visual e fotógrafa que foi diagnosticada com Esclerose Múltipla na véspera dos seus 33 anos. Lotje Sodderland, cineasta, foi surpreendida por um AVC quando estava sozinha em sua casa. José Leonilson foi um artista plástico e teve o veredito da Aids confirmado em seu corpo na década de 1980. Os três produziram obras visuais e artísticas a partir de acontecimentos abruptos que os levaram a repensar suas relações com seus corpos, as imagens e o mundo. A partir dessas novas configurações de si, esses artistas se dedicaram a produzir visibilidades figurando o caráter invisível de suas condições e práticas cotidianas, apagamentos orquestrados frequentemente por suas relações médico-pacientes e seus itinerários terapêuticos. Esse work tem o esforço de compreender a dinâmica de produção visual como um processo que se amplia às percepções dos corpos e subjetividades utilizando esses suportes como ferramentas que ratificam formas de ser e estar no mundo na possibilidade de habitá-lo para além de si. Como considera a antropológa Anahi Mello (2016), a deficiência não se encerra no corpo, ela consiste no produto da relação entre um corpo com determinados impedimentos de natureza física, intelectual, mental ou sensorial e um ambiente incapaz de acolher as demandas. Entre os modelos médico e social da deficiência, a reflexão sobre o deslocamento deste conceito para discussões contemporâneas afim de repensar corponormatividades é proposta pelo diálogo com as artes. Ao pensar a produção de imagens, a dimensão de representação é muito frequentemente acionada e, na dinâmica que se busca aqui investigar, pode também ser deslocada ao colocar os sujeitos no centro de suas representações. Considerando essa composição de arte e saúde/doença, esses suportes pelos quais a vida é reinventada constantemente podem ser, assim como considera Ingold (2012), caminhos e trajetórias compreendidos em infinitas linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas. Meu objetivo nesta narrativa é refletir como a interrupção de uma forma de existir não é a interrupção de uma forma de ser, mas uma dinâmica de seguimento a ser refeita (desfeita e feita) continuamente e que questiona a prevalência de como se configura no e o mundo. Na



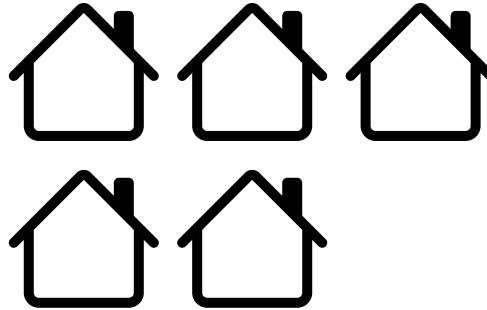
perspectiva do fazer artístico que produz e reproduz conhecimento por meio da figuração, o agir é compreendido como uma das maneiras de "trazer as coisas de volta à vida" (INGOLD, 2012), uma vez que "se as imagens são capazes de intervir no mundo, é porque tal mundo já é habitado por imagens" (HEAD, 2009).



Realização:



Apoio:



Organização:

